

DOSSIÊ - ENTREVISTAS

Elizabeth Tunes / Divulgação



Prof.ª. Dr.ª. Elizabeth Tunes

Elizabeth Tunes é graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília (1971), mestre (1976) e doutora (1981) em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora associada da Universidade de Brasília e professora do Centro Universitário de Brasília. Sua atividade de pesquisa focaliza, principalmente, os seguintes temas: conhecimento científico e conhecimento escolar, relação professor-aluno, aprendizagem e desenvolvimento, desenvolvimento psicológico atípico e deficiência mental, processos de escolarização e o significado social da escola.

A revolucionária concepção de deficiência da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski

1. Fabrício Santos Dias de Abreu e Luana de Melo Ribas - Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934) viveu a efervescência da Revolução Russa e foi um dos principais teóricos da Teoria Histórico-Cultural, junto com colaboradores tais como Alexander Romanovicht Luria (1902-1977) e Alexis Nikolaevicht Leontiev (1903-1979). Deixou um importante legado de obras a respeito do desenvolvimento humano e se envolveu até o precoce fim de sua vida para a efetivação de uma nova sociedade. Quais as principais contribuições da teoria que ainda são urgentes e necessárias nos dias de hoje?

Elizabeth Tunes - Antes de começar, agradeço a oportunidade que você me concede, generosamente, de apresentar meus pontos de vista, nesta entrevista. Sinto-me muito honrada. Primeiramente, quero dizer que Vigotski foi o principal teórico da Teoria Histórico-Cultural. Luria e Leontiev, como você mesmo disse, foram colaboradores muito importantes. Considero que as ideias de Vigotski foram e ainda são muito avançadas para a nossa época. Esse fato, por si só, já dificulta a sua apreensão e compreensão em profundidade. Acrescenta-se a isso a proibição que suas obras sofreram por muitos anos, na União Soviética, e algumas modificações que sofreram para tornar possível sua divulgação ou por descuidos na tradução e temos aí grandes barreiras para que pudessem ter sido desdobradas, estudadas a fundo e, até mesmo, gerado consequências importantes no âmbito da teoria e da prática em psicologia e educação. Quando lemos artigos atuais que são publicados em periódicos científicos, podemos constatar o quanto muitas ideias da Teoria Histórico-Cultural ainda são mal compreendidas. O próprio conceito de desenvolvimento cultural da

criança, a maneira como está formulada a relação entre meio e hereditariedade, entre o ambiente social de desenvolvimento e a criança são todas ideias ainda não muito bem compreendidas, ensinando, muitas vezes, conclusões que se opõem veementemente aos fundamentos da teoria. Por exemplo, no campo da psicologia e da educação, há uma tese de Vigotski importantíssima que diz respeito à relação entre ensino (ou instrução, como ele dizia) e desenvolvimento psíquico. Vigotski afirmava que somente é boa a instrução que enseja desenvolvimento. Esse enunciado tem sido bastante mal interpretado, levando a muitos equívocos no próprio âmbito do ensino. Uma das condições importantes para que o ensino enseje desenvolvimento é o modo como o conteúdo do ensino é tratado. Num artigo publicado recentemente¹, Lev Guennadievitch Kravtsov apresenta algumas conclusões pedagógicas e psicológicas dos modos de se tratar, por exemplo, a matemática. Quando esta é tratada como um meio cultural de desenvolvimento e não uma finalidade em si mesma, isto é, quando se ensina não a matemática, mas **com** a matemática, as repercussões para o desenvolvimento são muito mais interessantes. Acredito que se houvesse melhor compreensão e estudo das ideias de Vigotski, poderíamos desenvolver novas atitudes e ações no ensino, de um modo geral.

2. Fabrício e Luana - Vigotski direcionou uma expressiva parte dos seus estudos às questões que envolvem o desenvolvimento das pessoas com deficiência, nomeada ao seu tempo como ciência defectológica, refutando o que se discutia na psicologia tradicional: o olhar voltado unicamente para o modelo médico e para o diagnóstico fatalista. Como a Teoria Histórico-Cultural define deficiência? Quais são os principais aspectos que revolucionaram - e revolucionam até hoje - esse olhar inaugurado por Vigotski para pessoas que não se enquadram no padrão de normalidade construído socialmente?

Elizabeth Tunes - Inicialmente, é importante esclarecer que a ciência defectológica ou defectologia é assim chamada na Rússia ainda hoje. Lá, existem cursos de graduação em Defectologia e o profissional formado é conhecido como Defectólogo. Continuando, penso ser importante frisar, com base no próprio pensamento de Vigotski, que um conceito científico não deve ser examinado isoladamente, fora do sistema teórico que o contém. Assim, não importa o modo como ele definiria o conceito de deficiência, isoladamente. É preciso compreender como esse conceito aparece em todo o sistema de ideias que formulou. Dito isso, é também necessário enfatizar que a palavra deficiência refere-se a algo que falta, portanto, indica uma inexistência. Ora, todos sabemos que a ciência ocupa-se do estudo dos fenômenos que têm existência real. Ou seja, ela se ocupa da identificação e exame das causas de fenômenos que existem de fato. Do ponto de vista lógico, parece-me impossível identificar as causas de algo que não existe, isto é, explicar por que algo não tem existência. Creio ser esta uma tarefa inexecutável, do ponto de vista da ciência. Transpondo-se o que acabo de dizer para o conceito de deficiência, não seria possível explicar, cientificamente, por que uma determinada pessoa não apresenta algo que outros apresentam. Logo, esse

conceito de nada serve do ponto de vista científico. O que posso fazer, em contrapartida, é estudar as condições nas quais ocorre o desenvolvimento cultural da criança, ou seja, tornar o empreendimento positivo, afirmativo. Ao fazer isso, entretanto, verificarei que todas as crianças, pelo simples fato de estarem vivas, de viverem e se relacionarem, de algum modo, com outras pessoas, desenvolvem-se, de algum modo. Ou seja, constatarei que há uma infinidade de formas possíveis de desenvolvimento, que a variabilidade é a regra. Tendo feito essa constatação, posso criar uma artimanha: verifico quais são as formas mais comuns e denomino-as de normais, e as incomuns posso denominá-las de anormais ou deficientes, isto é, formas nas quais falta alguma coisa. Em seguida, transformo essa falta, apenas formalmente, apenas linguisticamente, em um substantivo, reificando-a e eis que surge, então, diante dos meus olhos, a palavra deficiência. Ou seja, o conceito de deficiência não é algo que tem existência concreta, é antes um fantasma coisificado, reificado. Aqui, então, parece-me que o importante não é estudar a deficiência, mas o que leva algumas pessoas a optarem por denominar algum fenômeno de normal ou anormal, de eficiente ou de deficiente, ou seja, por que algumas pessoas reificam fantasmas. O que as motiva a fazer isso? Certamente, ao estudarmos essa questão a fundo, examinando-a, inclusive, do ponto de vista histórico, constataremos que há fortes ideologias que sustentam o fazer humano, inclusive, o fazer científico. Contudo, esse já é outro assunto.

3. Fabrício e Luana - Pensando no desenvolvimento das pessoas com deficiência, o que - na obra de Vigotski - vem a ser compensação? Essa ideia continua atual?

Elizabeth Tunes - A ideia de compensação é um desdobramento do conceito de adaptação, formulado por Goethe, em 1810 e, posteriormente, incorporado criativamente por Darwin à sua própria teoria. Conforme escrevi em outro texto², Goethe (2013) apresenta essa ideia no livro *Doutrina das cores*, afirmando: “um ser vivo determinado, quando se desvia das regras que o formam, sempre procura alcançar, por uma via legítima, a vida em geral, fazendo transparecer em sua trajetória inteira as máximas que engendraram e mantêm o mundo coeso”. Na verdade, o conceito de adaptação encontra seus fundamentos em Spinoza. É bem conhecida a sua frase “o que não me mata, torna-me mais forte” - não sei se a estou citando literalmente com exatidão -, bastante citada por Vigotski. Isso quer dizer, que o homem é capaz de reagir a condições adversas de modo não somente a superar a adversidade, mas transformando-se a si mesmo num novo ser. Essa ideia está ligada à principal tese de Vigotski a respeito da peculiaridade qualitativa do desenvolvimento psicológico. Essa tese situa-o como um pensador revolucionário que rompeu com o fluxo de ideias predominantes em sua época no campo das ciências psicológicas. Trata-se da adoção do princípio da variação como intrínseco ao fenômeno humano. Ou seja, caberia, então, à ciência psicológica, na busca das regularidades dos fenômenos, não a identificação do que é comum, invariante, mas daquilo que rege a variação, isto é, a lei da variabilidade. Adicione-se a isso o fato de que ele admitia como premissa o caráter histórico do desenvolvimento cultural da criança e como sua

fonte primordial a cooperação social. Temos aí, pois, a ideia de compensação social. Quanto à atualidade deste conceito, basta dizer que ainda não há, até os dias de hoje, quem tenha formulado e fundamentado tese oposta a esta e que a coloque por terra. O que existe em oposição a essas ideias são teses mais antigas que ela e que foram, exatamente, colocadas em xeque com as formulações de Vigotski. É interessante saber como o autor põe em xeque uma das bases principais da doutrina conhecida como determinismo biológico. Para ele, o homem luta, sobretudo, por sua existência social e não apenas pela sua sobrevivência como organismo biológico. Ele disse: “Assim como a vida de todo organismo é orientada pela exigência biológica de adaptação, a vida da personalidade é orientada pelas exigências de seu ser social”³. Uma vez que a adaptação social – ou compensação social – é referida a uma relação (adaptação a algo), trata-se, então, de uma relação entre uma pessoa e suas condições de vida social. Ou seja, a inadaptabilidade social não pode ser referida apenas à pessoa supostamente inadaptada: trata-se de uma relação entre essa pessoa e seu ambiente social de desenvolvimento. Logo, diz respeito ao modo de relação entre ambos.

4. Fabrício e Luana - O nome de Vigotski encontra-se presente na maioria dos currículos escolares brasileiros como um dos teóricos de referência. O que significa de fato assumir essa posição? Que ações são necessárias para que os currículos (e as práticas ideológicas que eles engendram) possam ser coerentes a essa teoria?

Elizabeth Tunes - Penso que a referência a ele é apenas discursiva, pois, de fato, a sua teoria leva-nos a criar outro modelo de escola. Se a lei geral do desenvolvimento cultural da criança afirma a diversidade dos modos de desenvolvimento, isso, necessariamente, requer diversificação nos modos de organização do ambiente social de desenvolvimento. Essa é uma ação que a escola implementaria? Tenho enormes dúvidas a esse respeito. Não acredito que a instituição escolar, tal como está estruturada - e levando-se em conta a quem serve -, esteja disponível para aceitar diversificação de currículos, programas, procedimentos, avaliações e, principalmente, de modos de ensinar. Sem isso, não é possível atender ao que é mais imperativo nas ideias de Vigotski. Seria necessário inventar outra escola para que seu ideário pudesse ser implementado. Com a entrada de crianças com deficiência nas escolas, aparentemente, flexibilizou-se o currículo, criando uma ou outra forma alternativa de atendimento a elas. Contudo, quando se olha de perto, vê-se que houve apenas uma diminuição de exigências que a criança com deficiência deve cumprir. Isso é muito pouco para se chamar de flexibilização. Definitivamente, não consigo enxergar coerência entre a escola que temos e o ideário de Vigotski.

5. Fabrício e Luana - Como uma das principais precursoras dos estudos de Vigotski no Brasil, qual sua avaliação sobre a apropriação da teoria no contexto brasileiro desde seus estudos iniciais até hoje?

Elizabeth Tunes - Há um fenômeno interessante que

acontece no âmbito da educação, especialmente a escolar. Isso ocorre já há algum tempo e diz respeito à escolha que grande parte das pessoas envolvidas na educação fazem a respeito de teóricos e teorias. Vamos dizer assim, existe sempre a “teoria e o teórico da moda”. Já houve um tempo em que Piaget foi escolhido como o guia dos educadores. A ordem do dia estabelecia falar-se em períodos de desenvolvimento, estágio sensorio-motor, operacional, etc., em estudiosos que adotavam sua teoria como Emília Ferreiro, Ana Teberosky, e assim por diante. Piaget era a ordem do dia: sua teoria e suas ideias orientavam o falar de educadores e pesquisadores da educação. De repente, Piaget começou a perder força até quase sumir do cenário social da educação e surgiu com força Vigotski e a Teoria Histórico-Cultural. Vigotski ainda é o teórico da vez, mas já se percebe que há sinais de que está perdendo força. Esse fenômeno sempre me intrigou. Por que será que acontece? Às vezes, penso que, no âmbito da educação escolar, as teorias são vistas como tábuas de salvação. Não está havendo aprendizagem nas escolas ou os índices de ensino-aprendizagem andam muito ruins? Vamos adotar uma teoria na esperança de que possa resolver os problemas ligados aos resultados das práticas educacionais. Acontece que as teorias, especialmente, no âmbito da psicologia, não são feitas para resolver problemas práticos. Elas são instrumentos muito importantes para ajudar-nos a refletir sobre nossos problemas práticos, mas não prescrevem a solução. A solução é sempre uma ação criadora do ser humano reflexivo. É o homem que detém o poder de criar, de inventar soluções e não as teorias. Assim, vejo que a apropriação da teoria de Vigotski acontece do mesmo modo que a de Piaget e de outros teóricos que, um dia, estiveram na moda. É uma apropriação meramente discursiva e não reflexiva. Essa, talvez, seja não a única, mas uma das razões por que não conseguimos chegar a soluções criativas para a escola: estamos sempre esperando que um ser dotado de alta capacidade pense-as por nós. No campo da pesquisa acadêmica, há também esse mesmo fenômeno. Vigotski irrompeu com força e virou o teórico da moda. Agora, começa-se a perceber que está perdendo força e já há quem diga até mesmo que está superado. Não vejo dessa forma. Os grandes homens não morrem, vivem em suas grandes ideias e viverão enquanto houver humanidade na terra. Em suas teorias e realizações estão guardados imensos e verdadeiros tesouros da nossa vida na terra. Eles continuarão sempre como homens importantes para guiar-nos em nossas reflexões e busca por sabedoria, contribuindo para que sejamos donos de nossas próprias ações.

6. Fabrício e Luana - Por ser uma testemunha histórica do processo que culminou com a atual política de inclusão, como avaliaria os modelos de atendimento e assistência direcionados a pessoas com deficiência nos tempos atuais? Houve de fato uma mudança de paradigma? Com a entrada de um discurso mais positivo sobre a deficiência, principalmente, após a década de 1990, trajetórias de desenvolvimento desse público ganharam outros contornos?

Elizabeth Tunes - Sem dúvida, desde a Convenção de Direitos da Criança, em 1988, a Declaração sobre Educação para Todos, em 1990 e a Declaração de Salamanca, em 1994, até os

dias atuais, houve muitos avanços no movimento de inclusão social, especialmente de crianças com deficiência. Do ponto de vista social e político, acredito ter sido um grande avanço. Contudo, esse movimento deparou-se com uma barreira de aço que limitou bastante os efeitos que poderia ter. A escola - uma instituição de, aproximadamente, 800 anos de existência - parece ser impermeável a sentir e sensibilizar-se a qualquer necessidade de mudança, por menor que seja. Não falo em transformação, pois isso sequer foi cogitado. Refiro-me apenas a pequenos ajustes em modos de conceber e compreender o que seja o currículo, a aprendizagem, o ensino. Os avanços no processo de escolarização de nossas crianças e jovens poderiam ter sido bem maiores se a instituição escolar não fosse tão resistente a mudanças. É preciso considerar, nesse exame, que a escola presta-se a servir a um modelo de sociedade que se pauta pela hegemonia do fator econômico sobre todos os fatores verdadeiramente humanos. Assim sendo, ela não se volta à formação plena, do ponto de vista psicológico e social, do ser humano. Ela (de)forma pessoas para atuarem no mundo do dinheiro, do capital. Por isso, não está autorizada a formar seres reflexivos, criativos e verdadeiramente inovadores. As palavras de ordem no âmbito da escola são uniformizar, disciplinar, padronizar, enfim controlar tudo e todos. Embora ela venha aceitando incorporar aos seus quadros crianças e jovens com deficiência, do ponto de vista de seu dono, ela não pode diversificar

currículo, métodos e procedimentos educacionais, pois isto significaria perda de controle. Assim, fica bastante prejudicada a inclusão escolar de crianças e jovens com deficiência, pois são eles que têm que se ajustar ao que está posto, o que lhes é, senão impossível, muito difícil. As políticas de inclusão não conseguiram penetrar como deveriam as paredes da escola.

7. Fabrício e Luana - Por fim, que conselhos daria a quem deseja iniciar os estudos da obra de Vigotski?

Elizabeth Tunes - Há apenas um conselho cabível para quem deseja começar a estudar Vigotski ou mesmo outro teórico: começar hoje, já, não deixar para amanhã e dispor-se a ler e reler bastante sua obra e as obras de autores em que ele se baseou, pelo menos. Para começar, sugiro as seguintes leituras:

- Vigotski, L. S. *7 aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia*. Tradução e organização de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.
- Vigotski, L. S. *Imaginação e criação na infância*. Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- Prestes, Zoia. *Quando não é quase a mesma coisa – traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. ■

Notas

¹ Kravtsov, Lev Guennadievitch. A realização da abordagem histórico-cultural no ensino médio de Matemática. *Teoria e prática da Educação*, 22, (1), 2019, p. 44-49.

² Ver Tunes, Elizabeth. A Defectologia de Vigotski - uma contribuição inédita e revolucionária no campo da educação e da psicologia. *VERESK – Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski*. Brasília: UNICEUB, 2017, p. 75-84. (<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11339/3/VERESK%20%281%29.pdf>)

³ Ver Vigotski, L. S. *Obras Escogidas. Tomo V. Fundamentos da Defectologia*. Tradução de Julio Guillermo Blank. Madrid: Visor, 1997.